



LIVRO-REPORTAGEM E O NOVO JORNALISMO: FUGA DA SUPERFICIALIDADE

Emília da Silva Cabral ¹

Marli Paulina Vitali ²

Resumo: Esta pesquisa procura compreender como o livro-reportagem pode ser um contraponto do *hard news* e como traz consigo características peculiares que não se encontram no jornalismo factual. O gênero jornalístico caminha junto ao Novo Jornalismo, que aborda questões que fogem das rotinas das redações dos impressos e portais. Como argumentação, serão utilizados autores como Guzzo (2008) e Martinez (2009) que falam de Jornalismo Literário, Maciel (2015) que aborda o Livro-Reportagem e Pena (2006) que discute o Novo Jornalismo. Nesta exploração de informação, foi possível analisar diferenças e semelhanças entre o formato de escrita do livro-reportagem e *hard news*. Ao mesmo tempo que se diferem, não deixam as características jornalísticas de lado.

Palavras-chave: Jornalismo literário; Novo Jornalismo; Livro-reportagem; *Hard news*.

1 INTRODUÇÃO

A possível concepção que as pessoas têm do Jornalismo é a factualidade, o *hard news*³, o acidente de trânsito, a política local, o buraco da rua e o evento que vai ter na sua cidade. O leitor não costuma ver na mídia tradicional matérias especiais ou até mesmo o livro-reportagem, que até seja desconhecido para eles.

A finalidade dessa pesquisa é mostrar o novo jornalismo, um texto literário com uma estetização, e de que forma o livro-reportagem entra no ambiente comunicativo. O objetivo é revelar ao leitor que um texto jornalístico não precisa ser maçante ou cansativo, mas pode conter emoção. É isso que o livro-reportagem traz, sensações ao leitor, um conteúdo cativante.

¹ Graduando em Jornalismo. E-mail: emilia_cabral98@hotmail.com

² Professora orientadora. E-mail: marli.vitali@gmail.com

³ Em inglês, tem o sentido de “notícia importante” (FOLHA, 2020).



Durante a produção do livro-reportagem, o próprio profissional de jornalismo entende que está em uma rotina diferenciada de produção. Segundo Maciel (2015), o jornalista tem um tempo flexível para a realização de entrevistas; a apuração de informações e análise da realidade da população. Todas essas características não estão vinculadas às práticas da factualidade e dos valores-notícia para satisfação do público de canais que propagam informações diariamente.

Nesta pesquisa será analisado de que forma o livro-reportagem pode tornar-se uma ferramenta para práticas jornalísticas, sobretudo, introduzindo no *New Journalism* ou Novo Jornalismo. É a partir disso que surge o problema: de que maneira o livro-reportagem se apresenta como uma fuga da superficialidade do jornalismo *hard news*?

Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa é apresentar o livro-reportagem como um contraponto do jornalismo *hard news*. Pretende-se desenvolver os seguintes objetivos específicos: entender os conceitos de livro-reportagem e sua estrutura construtiva; trazer aspectos do jornalismo *hard news* praticado no cotidiano; definir semelhanças e diferenças entre os dois.

Para compreender a temática, serão revisitados os conceitos de Castro (2010), Guzzo (2008), Lima (2018), Martinez (2009), Necchi (2009) e Rodrigues (2009), que abordam o Jornalismo Literário. Pena (2006), que discute o Novo Jornalismo. Bisol (2018), Jorge (2008), Maciel (2015), Pereira (2006) e Rocha e Xavier (2013), que debatem o Livro-Reportagem e Almeida (2015), Johnson (2015), Lima e Moura (2017), Mendonça (2018), Motta (2004), Santana (2019) e Santos (2008), que discorrem do *Hard News*. Essa pesquisa será básica e a proposta é fazer uma revisão bibliográfica.

2. JORNALISMO LITERÁRIO

A intervenção da literatura no jornalismo ocorreu entre os séculos XVIII e XIX, caracterizado como primeiro e segundo jornalismo. O primeiro jornalismo foi



entre os anos 1789 e 1830 que, segundo Pena (2006), foram épocas definidas como referências nos temas literários e políticos, trazendo um conteúdo minucioso e encabeçado por intelectuais políticos e escritores.

Já entre os anos de 1830 e 1900, foram definidos como segundo jornalismo, quando foi identificada a imprensa de massa. Nesse período, foi dado o início da ocupação dos profissionais de jornalismo no mercado de trabalho, quando começou a produção de manchetes e reportagens.

Uma das principais ferramentas para a criação desse conteúdo foi o folhetim, um mecanismo que fortaleceu o elo entre literatura e jornalismo. Pena (2006, p. 32) diz que “os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos”. Porém, existia uma condição, as obras tinham um custo alto, o que impossibilitaria um determinado público de comprar.

Mas diante dessa situação, havia uma solução. Os escritores poderiam publicar suas obras de forma fragmentada nos jornais. Mas escrever com excelência não era o suficiente, o conteúdo precisava ser atrativo. Segundo Pena (2006), o autor precisava chamar atenção do leitor, para que no próximo dia, o jornal fosse comprado. Por isso, foi preciso que o folhetim fosse criado, assim definido como um novo gênero literário.

Apesar de historicamente o jornalismo literário (doravante denominado neste trabalho como JL) ter surgido entre 1789 e 1900, foram nas décadas de 1950 e 1960, que o conteúdo foi notório. Conforme Lima (2018) foram períodos que utilizaram as metodologias da literatura dentro do jornalismo. Essa mudança ocorreu nos Estados Unidos e o jornalista Tom Wolfe foi quem iniciou o processo, com o *New Journalism* (Novo Jornalismo), sendo um dos precursores do movimento que ganhou força internacionalmente.

No Brasil, o movimento por agregar a literatura ao jornalismo diário também é anterior. Quem se tornou referência foi o escritor Euclides da Cunha (1866-1909) que acompanhou a Revolução de Canudos⁴ pelo jornal O Estado de São Paulo. Após cinco anos, o jornalista utilizou o conteúdo para produzir o livro “Os

⁴ Guerra de Canudos foi uma guerra entre o Exército Brasileiro e componentes do grupo sócio-religioso chefiado por Antônio Conselheiro, em Canudos, na Bahia.



Sertões”. Segundo Martinez (2009), a relação de Cunha com o jornalismo literário moderno, é a de transferir a relevância do herói para pessoas reais, trazendo suas falhas e adversidades. Após Cunha, quem também foi notório para o cenário do jornalismo literário, foram a revista Realidade e o Jornal da Tarde que foram os representantes do JL na década de 1960.

Um olhar panorâmico sobre as práticas de reportagem efetuadas no Brasil pode revelar que a adoção do jornalismo literário como modelo não é recorrente na imprensa do país. Orientações editoriais mais tradicionais e pautadas pela lógica do modelo norte-americano, que preconiza a objetividade a partir do modelo da pirâmide invertida para a construção de uma notícia, vigoram em especial desde os anos 1950 (NECCHI, 2009, p. 99).

Segundo Guzzo (2008), a ligação entre literatura e jornalismo emerge na linguagem. Até a segunda metade do século XX, os jornais consideravam uma metodologia pessoal, em que os autores poderiam escrever de forma independente e contestante.

No desenvolvimento do JL existe o conteúdo de uma agradável narrativa, iniciando pelo conflito. Tem quem se deslumbre por esse estilo de escrita, que é um compilado de métodos literários junto às técnicas do jornalismo para a criação de materiais informativos e estimulantes. Para Martinez (2009, p. 72) “o JL presta muito mais atenção do que o jornalismo tradicional ao uso da oralidade, ou seja, à forma com que as pessoas expressam seus pensamentos, sentimentos e suas ações, enfim, sua forma de ver e de se relacionar com o mundo”.

Validando este pensamento, Lima (2018) destaca que o JL mostra a verdadeira essência das pessoas e dá lugar de fala às pessoas e aos assuntos desprezados. A autora ainda frisa que a literatura e o jornalismo nem sempre percorreram os mesmos caminhos. Lima (2018, p. 6) diz que “o jornalismo checa informações e relata fatos, enquanto a literatura utiliza de elementos da ficção para contar histórias”.

Na extensão do fictício o jornalismo literário se aproxima dos primórdios que contavam histórias, com a aptidão para construir relatos emblemáticos, representações e figuras que são perceptíveis. No gênero literário, a forma de



escrever contém traços de romance e graciosidade, evidenciando a descrição de uma poesia. O conjunto de características foi a combinação descoberta pelos jornalistas para cativar o leitor de maneira intensa e tênue.

Jornalismo Literário a nosso ver, portanto, é a capacidade discursiva de englobar numa narrativa rica e diversa a hipercomplexidade da existência, porque encerra em si um infinito cultural que engloba ciência, história, religião, ética, política...É uma via de compreensão do gênero humano, um misto de informação e conhecimento, capaz de transformar e orientar esse mesmo conhecimento em sapiência (CASTRO, 2010, p. 9).

Guzzo (2008) afirma que, a disposição literária e apuração intensa, episódios recebem traços humanizados e inovador nas folhas de um livro, fazendo com que se converta em registro jornalístico, uma arte da literatura. O gênero literário não consiste em apenas distribuir as falas da fonte de forma aleatória, é preciso analisar a conjuntura e colocar no texto suas ações e emoções.

Aplicando as técnicas do JL, o jornalista possui um ambiente para evadir-se da superficialidade e percorrer a imaginação de maneira ampla. Para Lima (2018), esta forma de fazer jornalismo veio quebrar com os paradigmas de produzir uma matéria habitual. O profissional do jornalismo não desdenha os conhecimentos que absorveu na instituição de ensino, segundo a autora, eles se adequam às práticas narrativas e potencializam técnicas de escrita, se expondo à novos itinerários.

O jornalismo literário é um meio de entrada a instrumentos que concedem ao jornalista a possibilidade de registrar a vida real com intensidade, sem a investigação moral empregada no jornalismo factual. O profissional relata aplicando metodologias cedidas do gênero literário e apresenta ao leitor uma composição atrativa, que evidencia o interesse e do *lead*⁵.

O jornalismo literário é a união de informação, compreensão, “saber fazer”, métodos e práticas potencializadas pelo gênero literário que autorizam a serventia da habitual escrita jornalística. Castro (2010) diz que é uma forma de fazer

⁵ Primeiro parágrafo de uma notícia, contendo as principais informações e as perguntas: o quê? Quem? Como? Onde? Quando? E Por quê?.



jornalismo que não descarta nenhum instrumento narrativo: diálogos, perfis, contos, cordéis, entrevistas, poesias, pingue-pongues, crônicas, matérias factuais, narrativa em primeira pessoa, notas, cartas, ensaios, artigos e fragmentos. Todas as técnicas são consentidas, desde que domine e use com maestria, inteligência e cautela.

Segundo Martinez (2009), o livro-reportagem é o item em que a literatura e o jornalismo se consolidam. Comprovando essa percepção, Guzzo (2008, p. 4) afirma que o livro-reportagem é “o principal veículo onde se desenvolveu o jornalismo literário” e mesmo que não seja um veículo, assegura profundidade, o que não era alcançado nos jornais factuais. A autora ainda destaca que esse elemento certifica uma maior investigação, com desempenhos criativos e sem a precisão do imediatismo.

Uma das técnicas para a produção do jornalismo literário é a apuração. O repórter deve deixar perceptível sua forma de trabalhar, o que exige um diálogo evidenciando o tempo de investigação, o ângulo e a extensão do material, em qual veículo será publicado, se outras fontes serão ouvidas e se há intenção de mostrar o texto antes de ser divulgado. Segundo Martinez (2009), é preciso ter sinceridade no relacionamento com o entrevistado, para que ele também tenha a opção de negar o convite de participar da reportagem. Martinez (2009, p. 81) destaca que no JL “quem conta um ponto não aumenta um ponto”, as concepções precisam de validações, para isso é necessário questionar a fonte e checar as informações.

Castro (2010) contesta que os cursos de comunicação não alinham os acadêmicos para a pluralidade narrativa, mas para a estabilidade do lead. Os profissionais não atingiram além da metodologia, porque sempre foram ensinados a conduzir os alunos ao negócio externo. Quando doutrinados às estratégias dessa técnica jornalística, as outras metodologias foram desdenhadas.

Não parece interessar muito aos jornais sair, a curto ou médio prazo, do lide, por três motivos: 1. Existe o mito de que o leitor não tem tempo para ler jornal; 2. Existe o mito de que o leitor compra o jornal somente para se informar, rapidamente, do que quer, e 3. Por isso mesmo existe o mito de que o Jornalismo Literário é algo parecido a “encher lingüiça” ou, no jargão jornalístico, nariz-de-cera, e, já que a empresa jornalística precisa economizar papel, não tem anunciantes, nem quer investir em profissionais de talento, o Jornalismo Literário é, às vezes, olhado de soslaio e com desdém (CASTRO, 2010 p. 6).



Os argumentos do autor estão presentes na imprensa brasileira que é influenciada pela norte-americana, onde o modelo da pirâmide invertida é aplicado. Para Castro (2010 p. 8) “a criatividade, a emoção e a sensibilidade foram destituídas do texto jornalístico sem direito à defesa”, e qualquer texto que contenha essas características é definido como sensacionalista. O que difere o jornalismo sensacionalista e o fato de colocar sentimento no texto é a ética. Conforme Necchi (2009), se consolida um intenso humanismo e se omitem narrativas jornalísticas, como a imparcialidade, impessoalidade e o lead. O método se tornou uma algema, impedindo a criatividade e escritas que escapam do perceptível e da facilidade de uma técnica completa.

2.1 NOVO JORNALISMO

Como citado no tópico anterior, Tom Wolfe foi definido como precursor do Novo Jornalismo ou *New Journalism*, em 1960. Porém, conforme Carlos Rogé, no livro de Pena (2006), a expressão surgiu em 1887, usada de forma cômica, menosprezando o repórter WT Stead. Ele era editor da *Pall Mall Gazette*, pioneiro do jornalismo investigativo e comprometido com as causas comunitárias.

Para poder escrever uma reportagem e denunciar a prostituição infantil, o jornalista comprou uma menina de 13 anos, uma situação que resultou em dois meses de cadeia. Julgado como irresponsável, o jornalista acabou sendo denominado de novo jornalista. Mas isso não foi de forma positiva, pelo contrário. Segundo Pena (2006), isso o definiu como “cabeça oca”, contrário do que o jornalismo define atualmente.

Mas ainda alguns anos antes de *WT Stead*, Daniel Defoe foi julgado como o pioneiro no jornalismo literário. Em 1725, o jornalista mesclou literatura e jornalismo em uma sequência de reportagens policiais. Ele empregou metodologias ficcionais para poder abordar a factualidade.



Alguns anos depois, John Hersey deu relevância ao JL, produzindo o livro Hiroshima, em 1946. Pena (2006, p. 53) diz que o autor utilizou uma “narrativa romanceada para descrever um livro jornalístico”. Após 19 anos, as mesmas técnicas foram abordadas no livro A Sangue Frio, de Truman Capote. Ambas as obras foram reportagens escritas na revista *The New Yorker*.

Nas palavras de Tom Wolfe, o conceito fundamental do Novo Jornalismo, é fugir da palidez dos textos que identificam a imprensa objetiva. Neste estilo de escrita, é possível utilizar palavras invariáveis, que exprimem emoção e sensação.

Conforme Pena (2006), Wolfe deixou registrados quatro recursos básicos do Novo Jornalismo: reconstrução da história cena a cena, registro dos diálogos completos, apresentação das cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e registro de hábitos, roupas, gestos e demais características que identifiquem o personagem.

Mas o que desencadeou o *New Journalism* na década de 1960 nos Estados Unidos, segundo Pena (2006), foi o aborrecimento dos jornalistas com as normas do *lead*. A regra auxilia os profissionais a iniciarem seus textos respondendo questionamentos essenciais do público, definido como encarceramento narrativo, por isso a busca pelo livro-reportagem.

2.2 LIVRO-REPORTAGEM

O jornalismo segue em desenvolvimento, suas metodologias estão em inovação e, dentro disso, é possível destacar o livro-reportagem. Mesmo que sejam utilizadas algumas ferramentas de profissionais de redação, o livro-reportagem possui outras peculiaridades que não estão inclusas no jornalismo diário.

Rocha e Xavier (2013) elencam condições que contribuem com o desenvolvimento dessa metodologia, como a seleção da pauta; a definição de noticiabilidade; apuração; criação da reportagem; edição e até onde será veiculado. Outras características que fazem dessas obras composições próprias do jornalismo,



são, conforme Rodrigues (2009), a utilização de banco de dados, o número abundante de fontes e, reforçando o que Rocha e Xavier (2013) disseram, fazer uma excessiva apuração.

O livro-reportagem não se assemelha às formas de escrita utilizadas no jornalismo factual, segundo Bisol (2018, p. 99), a linguagem é composta de adornos e “até mesmo a pontuação leva o leitor a fazer pausas que orientam para um dado sentido no texto”.

Nesse método de escrita, o autor não fabuliza, são fatos do cotidiano que devem ser expostos de forma literária. Pena (2006) diz que essa narrativa é uma ligação entre o romance e o jornalismo e que nesse caso é preciso trazer a realidade, mesmo com as metodologias da ficção.

Rocha e Xavier (2013) corroboram o pensamento de Pena (2006) e dizem que o livro-reportagem aborda situações reais, utilizando metodologias próprias do jornalismo, mas sem desprezar as peculiaridades da literatura. Além do jornalismo, o livro-reportagem abarca outros elementos da comunicação como a antropologia.

De antemão pode-se apontar o acontecimento e a atualidade como aspectos facilmente identificáveis para a produção do livro-reportagem. Nota-se que o acontecimento encontra observação e estudos tanto no jornalismo quanto nos conceitos da história (ROCHA; XAVIER, 2013 p. 145).

A forma que o profissional de jornalismo se insere na narrativa é o que torna o livro-reportagem pertinente, comparado a uma notícia factual. Segundo Pena (2006), o jornalista-autor (o profissional que produz livros-reportagens) não se contenta em só trazer a informação, ele também se dispõe a opinar, fundamentado no realismo.

O jornalista-autor, conforme Maciel (2015), ainda que utilize metodologias da cultura profissional dos colegas que trabalham nas redações, conta com um prazo maior para realização de entrevistas e pesquisas de materiais.

Para Pereira (2006), o livro-reportagem serve para expandir o conceito de que a Grande Reportagem está limitada à imprensa diária. Mas, acima de tudo, o



papel do livro-reportagem é informar e fazer com que as pessoas se situem e procurem transformação.

Além de poder desempenhar uma rotina oposta das redações, o livro-reportagem permite que o jornalista tenha um olhar múltiplo do que acontece ao seu redor. “O jornalismo literário sai das amarras do *hard news* e projeta voos mais livres” (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 154).

O livro-reportagem faz com que o profissional se envolva com o personagem, fazendo com que a desobrigação, a imparcialidade e o concreto, sejam colocados em *stand-by* na hora de produzir o material. Segundo Pereira (2006), no momento da produção, o jornalista-autor deixa delado a metodologia ríspida das redações e busca técnicas da literatura, como a dramatização e simbolismos. Trabalhar em uma redação tem se tornado exaustivo para os profissionais de jornalismo. A metodologia desse ambiente, como o *deadline*, a visão dos fatos que acontecem ao redor do jornalista e linguagens padronizadas, são alguns argumentos para esse cansaço.

Ao ingressar no universo dos livros-reportagens, os jornalistas autores tentam minimizar esses efeitos do campo e posicionam-se, mais, como arqueólogos do contemporâneo. Esses “jornalistas-intelectuais” ou, como prefiro chamar, jornalistas-autores, procuram lançar um olhar mais contextualizado e menos fragmentado sobre a realidade para tentar narrar-costurar os fatos cotidianos com as linhas narrativas mais consistentes da visão contextualizada do real (MACIEL, 2015, p. 4).

Mesmo com todas essas atribuições, o livro-reportagem ainda precisa ser praticado e entendido no Brasil, com a mesma estrutura de outros países. Conforme Rodrigues (2009), no Brasil, as pessoas ainda desconhecem essa estrutura, tanto nas universidades quanto nas redações. O livro-reportagem ainda é cogitado como um componente extra do jornalismo, uma duplicação do que está nos veículos ou até uma ferramenta independente para exercer o jornalismo investigativo, fazendo com que o público acompanhe somente reportagens do *hard news*.



3 HARD NEWS

Hard news, notícia diária ou factual, são termos dados às reportagens do cotidiano, desde o acidente de trânsito às ações das comunidades de uma cidade. No site da Folha (2020), a expressão caracteriza “fatos e acontecimentos relevantes para a vida política, econômica e cotidiana”. O *Hard News* é diferente do *Soft News*⁶, que é considerado uma matéria que traz leveza e não necessariamente precisa estar associado a um evento. Para Lima e Moura (2017), o *hard news* está associado ao jornalismo cotidiano, alinhado aos fatos e episódios do dia a dia.

O *hard news* requer habilidade, percepção e adaptação para saber quando ou não parar antes de noticiar. Noblat espanta-se com a pressa na caça da verdade; no empregar da apuração e no transmitir das “verdades” ao público. Para o autor é evidente que: A pressa é culpada, nas redações, pelo aniquilamento de muitas verdades, pela quantidade vergonhosa de pequenos e grandes erros que borram as páginas dos jornais e pela superficialidade de textos que desestimulam a reflexão. Apurar bem exige tempo. Escrever bem exige tempo. E não existe mais razão de jornal ser feito às pressas (MENDONÇA, 2018, p. 34 apud NOBLAT, 2016, p. 38).

A pressa em dar conta das notícias, fechar as edições e entregar as matérias no menor espaço de tempo possível, prejudica o produto final. Segundo Motta (2004), as notícias categorizadas como *hard*, são a estrutura do jornalismo do dia a dia, que rebate o ficcional e contraria as semelhanças com o literário. Esses textos se isolam do narrativismo e se manifestam de forma imparcial.

Johnson (2015, p. 6) define *Hard News* como “Impacto; Conflito; Polêmica; Proximidade; Governo; Tragédia/Drama; Surpresa e Justiça”. O gênero também comporta conceitos de valor-notícia⁷ como: ineditismo, interesse, apelo, identificação e proximidade.

O jornalismo factual, conforme Santana (2019), se fortaleceu durante os últimos quatro séculos como um dos importantes gêneros do jornalismo e se apoiou nos conceitos de notícias e nos critérios de noticiabilidade. A produção jornalística

⁶ Traduzindo para o português, notícias leves.

⁷ Critérios que tornam a notícia relevante.



esteve junto às mudanças do mundo e precisou se adaptar às necessidades temporais. Conforme Jorge (2008), o conteúdo jornalístico respeita a pirâmide invertida, que é um método criado para dar mais agilidade à forma da escrita e da leitura. A técnica faz com que o profissional deixe o texto compreensível e sucinto.

Segundo Santos (2008), após a chegada das novas tecnologias, a área jornalística teve a oportunidade de herdar novas ferramentas e começou a se adequar às diferentes expressões. Mas sua ação permanece sendo a mesma: informar.

Muitos tentam derrubar o lide em favor de uma aproximação com o que seria o *new journalism* (novo jornalismo) ou o jornalismo literário. Querem inventar novas regras, atacam as fórmulas tradicionais, porém, a pirâmide se impõe sempre que se deseja uma comunicação objetiva e direta. E isso é válido também nos textos eletrônicos: mesmo que sofra modificações, ela se mantém como modelo de escrita. É questão de praticidade (JORGE, 2008, p. 169).

Os prazos nas redações são curtos e o profissional de jornalismo precisa unir a agilidade e a excelência, sempre prendendo o público e assegurando que a informação chegue até o leitor. Para Jorge (2008), o jornalista que cobre *hard news* precisa ser ágil na hora da publicação, mas por conta disso, o profissional corre o risco de errar com mais intensidade. “Mas, infelizmente, há muito o jornalismo brasileiro vem sucumbindo ao puro e simples factual” (ALMEIDA, 2015).

A instantaneidade e a velocidade são duas características motivadoras, quando se refere ao jornalismo e estão associadas ao jornalismo digital, um modelo que está presente na atualidade. Conforme Santana (2019, p. 27), o setor jornalístico “vai se tornando cada vez mais articulado a essas novas temporalidades, em função das demandas por maior velocidade, instantaneidade e imediatismo”.

Almeida (2015) reforça que o confinamento ao estilo factual, resulta na subtração da ação jornalística. Segundo Santos (2008, p. 26), é a substituição da “investigação pela simples reprodução de notícias já dadas em outros jornais ou fornecidas por agências de notícias”. Mas no fim, é o leitor, que não tem a chance de



adquirir informações com amplitude, porque todos os veículos dão a mesma informação, sem olhar com outra perspectiva para o conteúdo.

4. ANÁLISE DOS DADOS

O *hard news* e o livro-reportagem são estilos de escrita do jornalismo. Ao mesmo tempo que se assemelham, também se tornam diferentes. A proposta deste artigo é observar de que maneira o livro-reportagem se apresenta como uma fuga da superficialidade do jornalismo *hard news*? Para se desenvolver esta análise, partiu-se da discussão conceitual dos dois temas principais, trazendo autores que discutem o jornalismo literário e o livro-reportagem e outros que abordam o jornalismo *hard News* e suas características.

Para Rodrigues (2009, p. 5) “o livro-reportagem pode ser considerado uma reportagem ampliada, com todos os elementos jornalísticos que lhe são peculiares, mas com mais liberdade – de tempo, espaço e angulação”. No livro-reportagem, o profissional se isenta do texto tedioso que identifica a imprensa objetiva. Os jornalistas têm a liberdade de serem tendenciosos, abandonando a servidão das técnicas de redação.

O livro-reportagem se contrapõe ao *hard news* quando se fala em imparcialidade, isenção, neutralidade e objetividade. Segundo Pereira (2006, p. 2) “ao fazer sua narrativa, o jornalista-escritor abandona o estilo seco, duro dos jornais diários e recorre (sem perdas informacionais) a elementos literários”. A aderência às publicações de livros-reportagens, se dá pelo baixo custo da impressão, a divulgação em diferentes plataformas e o modo em que os jornalistas podem desenvolver suas práticas, produzindo materiais diferentes do *hard news*.

Diferente do livro-reportagem, o jornalismo factual tem uma característica peculiar, o consumo rápido da informação. Segundo Santana (2019), o tempo é o alicerce do jornalismo e é julgado ainda mais significativo para o *hard news*, que se prende ao fato ocorrido e da autenticidade do episódio.



Seu objetivo primordial - o de informar fatos acontecidos a grandes públicos consumidores de novidades - permanece mesmo nas telas das TVs ou nos ecrans dos computadores e de telefones celulares. A prática do jornalismo adentrou a cultura do grande público, provocando-lhe o interesse pela narrativa da atualidade (Santos, 2008, p. 83).

Desde o advento do impresso, a notícia tem sido visualizada como a narrativa do factual, como a narração de um episódio de interesse público. O *hard news* é considerado uma informação nova, seja local, regional ou mundial, conceituada como uma ação de utilidade pública.

Já na produção do livro-reportagem, é indispensável a estética, sempre acrescentando metodologias literárias. Para colocar os recursos em prática, segundo Pena (2006, p. 55), é preciso passar dias com os personagens e “no momento de mostrar os diversos pontos de vista, sua capacidade de descrição deve superar os melhores romances realistas”. É preciso minuciar as expressões do personagem e do ambiente, mas sem deixar de se concentrar nas informações repassadas pelo entrevistado. O que significa, se concentrar no factual, apesar das técnicas ficcionais.

O livro-reportagem conta com uma observação excessiva e riqueza nos detalhes, entre uma diversidade de características que expressam a realidade de forma aprimorada. Mais do que emocionar e despertar o interesse do leitor, o livro-reportagem surpreende a partir de temáticas que ultrapassa interpretações evidentes sobre a realidade.

A metodologia literária do livro-reportagem apresenta características diferentes do *hard news* e que permitem o jornalista alçar voos mais altos, se emancipando e fugindo da superficialidade que é o jornalismo *hard news*. Entre o livro-reportagem e o *hard news*, é possível encontrar mais diferenças do que semelhanças, contradições essas que fazem o profissional de jornalismo desautomatizar das rotinas diárias.

Para dar seguimento a esta análise, estão descritas abaixo (Tabela 1) as características dos dois conceitos principais trabalhados, livre-reportagem e *hard News*, permitindo que se consiga visualizar melhor os pontos divergentes e os comuns entre ambos.



Tabela 1: diferenças e semelhanças entre o livro-reportagem e o *hard news*.

Livro-reportagem	Hard news
Atemporal	Factualidade
Textos longos, que se tornam livros	Textos curtos, concisos e rápidos
Maior quantidade de fontes	Menor quantidade de fontes
Parcialidade	Imparcialidade
Maior tempo de produção	Menor tempo de produção
Literário	Iliterário
Autonomia	Dependência
História	História
Apuração	Apuração

Fonte: a autora.

Foram elencadas nove características presentes nas duas formas de produção textual jornalística. Apenas duas delas são comuns, o contar história e a apuração. Ao escrever uma matéria, o jornalista relata um fato, ao expor a realidade, o profissional conta uma história, mas para isso é preciso apurar. A apuração evita que erros sejam difundidos, porque depois de publicado, não há mais o que fazer.

Para realizar essa apuração, conforme Rodrigues (2009), é preciso utilizar banco de dados, um número abundante de fontes e, reforçando o que Rocha e Xavier (2013) essa apuração precisa ser excessiva. No jornalismo, o contar história se aproxima dos primórdios que com aptidão construíam relatos emblemáticos e representações.

Entre o *hard news* e o livro-reportagem, também são elencados tópicos incomuns como a temporalidade, tamanho de texto, quantidade de fontes, parcialidade, tempo de produção, literalidade e autonomia.



No livro-reportagem, é possível observar a atemporalidade. Nesta técnica, o texto não precisa ser publicado no momento do fato, porque precisa ser apurado com mais intensidade e melhor trabalhado, já que contém assuntos mais especiais e históricos. Já o *hard news* conta com uma característica única, a factualidade.

As matérias factuais contêm prazo de validade, se um incêndio ocorreu em uma empresa em uma segunda-feira, o fato precisa ser publicado no mesmo dia. Por ter prazo de validade, o material acaba sendo menos trabalhado fazendo com que tenha menos tempo de produção. O prazo de validade não é algo ruim, mas é uma característica da notícia que exige essa publicação rápida. Porém, o livro-reportagem, por ser mais elaborado, exige um tempo maior de produção, tendo a possibilidade de trabalhar com informações não factuais

No *hard news* os textos podem ser curtos, concisos e rápidos, não é uma exigência, mas é o mínimo para ser considerado *hard*. Ao publicar um parágrafo, dependendo do assunto, você já consegue informar o leitor. Ao escrever um livro-reportagem, isso muda. Como o próprio nome diz, é um livro, então os textos precisam ser longos, explicativos e com detalhes. Mas isso não quer dizer que o *hard news* seja algo incompleto, ou o livro uma produção cansativa.

Segundo Rocha e Xavier (2013), a pesquisa e documento são fontes importantes no avanço do livro-reportagem. Essa metodologia textual trabalha com procedimentos do jornalismo e atua com situações reais. Para desenvolvê-la é preciso ter informações e recursos efetivos.

A temporalidade, conforme Santana (2019), é um dos tópicos que sustenta o jornalismo e é considerada ainda mais relevante no *hard news*, que se prende ao fato ocorrido, da autenticidade do acontecimento e não dispõe do tempo de averiguação e análise do livro-reportagem.

A quantidade fontes é uma característica que também difere as duas categorias. No *hard news*, uma ou duas fontes são suficientes para trazer a informação necessária. No livro-reportagem, é preciso ter muito mais que uma ou duas. Cada capítulo é um tema, então é preciso ter pluralidade de fonte nos conteúdos, para trazer detalhes na história



Na academia o jornalista aprende a ser imparcial, nunca puxar para um lado ou para outro, isso se aplica ao *hard news*. Com o livro-reportagem, é possível romper essa dinâmica e colocar opinião e personalidade no texto, já que é impossível fazer literatura sem sentimento. Ao colocar emoção na produção, o jornalista deixa a imparcialidade e se torna empático.

A dependência do *hard news* às empresas de comunicação, com normas e padrões, fez com que profissionais do jornalismo migrassem ao livro-reportagem, por transmitir autonomia. No livro-reportagem o jornalista produz em seu tempo e sai da rotina hierarquizada das redações e não precisa cumprir com o *deadline* dos veículos.

A literalidade é o ponto chave do livro-reportagem. O texto precisa ter a essência de um literário, colocando sentimento e personalidade. O *hard news* se abstém destas características e se mantém sério, sem rodeios, apenas passa a informação de forma superficial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa foi possível avaliar as diferenças e semelhanças do *hard news* e do livro-reportagem. Foi compreendido que mesmo sendo técnicas jornalísticas diferentes, não deixam de ser jornalismo. Mas a pesquisa dá alternativas para os profissionais jornalistas seguirem suas carreiras fora das redações, tendo autonomia em suas atividades.

Foi possível ver o livro-reportagem como uma fuga do *hard news* pelas suas nove diferenças apontadas na análise. O livro-reportagem se apresenta como fuga do *hard news* sendo atemporal, parcial, literário e autônomo. Podendo produzir textos longos, com maior quantidade de fontes e tempo de produção. Já o *hard news* não permite que o profissional de jornalismo utilize destas ferramentas no dia a dia.

Na tabela apresentada na análise, duas técnicas se assemelham nos dois modelos, uma é a checagem de dados. Independentemente do formato textual da



notícia que será levado ao leitor, a checagem é primordial no contexto jornalístico. A apuração permite que o repórter não reproduza informações falsas. A checagem também faz com que o profissional e o veículo passem credibilidade.

O jornalista tem o poder de contar história e essa é outra característica que é semelhante nos dois formatos textuais. Na contação de história é preciso trazer humanização, criar tendências de escrita e ver aquele fato de maneira íntima. O jornalismo é configurado como uma metodologia essencial de captação e recuperação do passado e até mesmo do presente.

Durante a pesquisa foi possível apresentar o livro-reportagem como um contraponto do jornalismo *hard news* através de suas diferenças. Também foi compreendido os conceitos de livro-reportagem e sua estrutura construtiva e aspectos do jornalismo *hard news* praticado no cotidiano, tais quais foram apontados na tabela de análise, definindo duas semelhanças e nove diferenças entre as duas técnicas.

Entre as principais diferenças, a imparcialidade é o que mais chama atenção. Na academia, o profissional de jornalismo aprende a ser imparcial, deixando sua personalidade de lado. Ao olhar para o livro-reportagem, o jornalista se permite a ser quem ele realmente é. Sendo parcial, empático e pessoal.

Mesmo com suas diferenças, ambas as técnicas continuam contemplando o bom e velho jornalismo. Sendo literário ou não, o objetivo dos formatos textuais é trazer informação ao leitor, seja pautando um evento promovido por uma instituição ou narrando uma história de causas sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Verbena Córdula. **O jornalismo brasileiro e sua 'prisão' ao factual.**

2015. Disponível em:

<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/o-jornalismo-brasileiro-e-sua-prisao-ao-factual/>> Acesso em: 22 set. de 2020.



BISOL, Laísa Veroneze. **A voz narrativa no livro-reportagem ‘O jornalista e o assassino’**. Florianópolis: Estudos em Jornalismo e Mídia, 2018.

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo Literário uma introdução**. 2010. Disponível em: <https://www.academia.edu/40828132/Gustavo_Castro_Jornalismo_Liter%C3%A1rio_o_uma_introdu%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 20 de jun. de 2020.

Círculo Folha. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_h.htm#:~:text=%22hard%20news%22%20-%20Em%20ingl%C3%AAs.vida%20pol%C3%ADtica,%20econ%C3%B4mica%20e%20cotidiana.&text=Veja%20not%C3%ADcia.,corroborada%20ou%20n%C3%A3o%20pela%20reportagem.>> Acesso em: 19 de set. de 2020.

GUZZO, Morgani. **Livro Reportagem: A fuga do superficial como categoria do Jornalismo Literário**. Guarapuava: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2008.

JOHNSON, Telma Sueli Pinto. **Entre hard e soft news: explorando modelos de personalização de notícias em plataformas sociais**. Juiz de Fora: Lumina, 2015.

JORGE, Thais de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, Eloise de. **Holocausto brasileiro: uma análise do livro-reportagem pelo olhar de jornalista-autor e sua abordagem literária**. Criciúma: Faculdade Satc, 2018.

LIMA, Kassandra Marielli Lopes, MOURA, Maria Larissa Dennyfher de. **Jornalismo hard news e Instagram: novas histórias em velhas formas?**. Fortaleza: Intercom –



Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2017.

MACIEL, Alexandre Zarate. **Arqueólogos do Contemporâneo: o Campo do Jornalista-autor de Livros-reportagens**. Rio de Janeiro: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada**. Estudos em Jornalismo e Mídia, 2009.

MENDONÇA, Rubia Cunha de. **Observações de uma quase jornalista: o livro-reportagem como forma de noticiar**. Brasília: Centro Universitário de Brasília - Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, 2018.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente**. Brasília, E-Compós, 2004.

NECCHI, Vitor. **A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”**. Estudos em Jornalismo e Mídia, 2009.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Ariane Carla. **Os discursos no discurso do livro-reportagem**. São Paulo: Caligrama, 2006.

ROCHA, Paula Melani e XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. Rumores, 2013.

RODRIGUES, Luciana Vargas. **Diferenças e relações entre os livros-reportagens**. Rio de Janeiro: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos



Interdisciplinares da Comunicação XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2009.

SANTANA, Adson Vinicius Santos. **A narrativa transmídia no jornalismo factual de atualização contínua:** a cobertura jornalística realizada pela BBC News Brasil no website, no Twitter e no Instragram. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2019.

SANTOS, Saulo Adriano dos. **Jornalismo factual:** a verdade da informação e sua confirmação no real. Bauru: Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Campus de Bauru – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2008.